

AVENIDA CARLOS A. GOBBI

Decreto nº 4673 de 25-06-1975

Formada pela avenida 1 da Vila São Bento e prolongamento da mesma na Vila Manoel Ferreira

Início na avenida Antonio Carvalho Miranda

Término na avenida 2 da Vila São Bento

Vila São Bento

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves. Protocolado nº 9.855 de 14-04-1975 em nome de Sociedade Beneficente Amigos da Vila Teixeira.

CARLOS A. GOBBI

Carlos Agostinho Gobbi nasceu em Treviso, Italia, em 07-janeiro-1878 e faleceu em Campinas, em 30-04-1969. Era filho de Angelo Gobbi e Angela Guidoto Gobbi. Ainda criança, aos oito anos de idade, veio com os pais para o Brasil. Vindo residir em Campinas, aqui fez seus primeiros estudos, sendo em 1897, admitido para trabalhar na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, hoje Fepasa. Ali teve diversas promoções e após trinta anos de serviços, em 10-janeiro-1927, aposentou-se. A par de sua profissão de ferroviário, Gobbi que tinha um gênio descontraído e alegre, era sanfoneiro. Naquela época, a colônia italiana em Campinas era muito grande e não foi difícil para aquele simpático músico fazer amizades e obter sucesso. Tocava em sua casa, na casa do vizinho, passou a ser convidado para tocar em festinhas, tornou-se conhecido e todos o queriam para seus bailes e reuniões. Gobbi passou a tocar nos sítios e fazendas dos arredores, até que formou um grupo de músicos, que era constantemente requisitado para as festas e reuniões. Sua presença era sempre esperada e bem recebida, devido a alegria que a todos contagiava. Num amplo salão da rua da Conceição, montou um pequeno teatro, onde servia bebidas e comestíveis e num pequeno palco dava espetáculos, ora só de música, as vezes com peças em que também participava. Tal era sua fama e de seu teatrinho, que era comum lotar a casa de espetáculos. Carlos Agostinho Gobbi tornou-se sanfoneiro famoso em nossa Campinas.



DECRETO N.º 4673, DE 25 DE JUNHO DE 1.975.

Dá denominação a uma via pública da Cidade de Campinas.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Fica denominada Avenida Carlos A. Gobbi a Avenida 1 da Vila São Bento e prolongamento da mesma na Vila Manoel Ferreira, prolongamento este conhecido por Avenida John Boyd Dunlop, com início junto ao leito da Sorocabana (FEPASA) e término junto à divisa da Vila Manoel Ferreira com o Parque Campinas.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as publicações em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 25 DE JUNHO DE 1.975.

DR. LAURO PÉRICLES GONÇALVES
Prefeito de Campinas
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º JAIR KALIFE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Jurídica, com os elementos constantes do protocolado n.º 9855, de 14 de abril de 1975, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 25 de junho de 1.975.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete

R E T I F I C A Ç Ã O

DECRETO N.º 4673, DE 25 DE JUNHO DE 1.975.

Dá denominação a uma via pública da Cidade de Campinas.

Publica-se novamente o Artigo 1.º por ter saído com incorreções:
 "Artigo 1.º — Fica denominada Avenida Carlos A. Gobbi a Avenida formada pela Avenida 1 da Vila São Bento e prolongamento da mesma na Vila Manoel Ferreira, prolongamento este conhecido por Avenida John Boyd Dunlop, com início junto ao leito da Sorocabana (FEPASA) e término junto à divisa da Vila Manoel Ferreira com o Parque Campinas".

Campinas, 27 de junho de 1975.

DR. ARMANDO PAOLINELI
Chefe do Gabinete do Prefeito

AVENIDA CARLOS A. GOBBI



Entregue pelo José Antonio Gobbi (neto do hpmenageado), em 26-09-1984, ao Villa.

CARLOS AGOSTINHO GOBBI

Pai - Angelo Gobbi

Mãe - Angela Guidoto Gobbi

Naturalidade - Treviso

Nacionalidade - Italiana

Data Nascimento - 07.01.1878

Falecimento - 30.04.1969

Chegada no Brasil - São Paulo - 1886

Admitido na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro
em 1897 - Ferroviário

Aposentadoria em - 10.01.1927

" Sanfoneiro ! "

Jose Antonio Gobbi



OS BAILES NO "PAGLIAÇO"

XXI

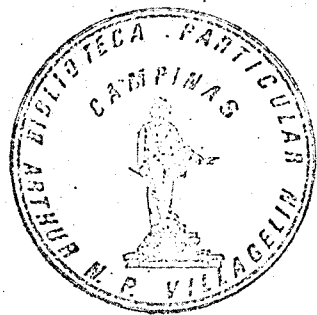
Data do ano 1818 a vinda em nosso país dos primeiros imigrantes lusos. Em Campinas, por essa época nem se sonhava que estes rincões um dia tornar-se-iam a Meca do café. Os trabalhos da mão de obra escrava eram rudimentais e primitivos. A produtividade era lenta e, como não bastasse isso, os senhores de engenho ainda tinham seguidos problemas de motins e dos continuados massacres a que estavam expostos, por parte de alguns bandos de escravos. Daí o governo procurar nova mão de obra, recorrendo à imigração. Não foi fácil às autoridades resolver de pronto esse problema, pois lá fora o nosso país era considerado como terra de canibais e somente anos depois é que a imigração foi se normalizando. Em 1895, muito embora já tivéssemos milhares de imigrantes espalhados por toda a nação, pois nesse mesmo ano perto de 107 mil italianos penetraram no Brasil e desse total o Estado de São Paulo havia absorvido 73 mil, e a maioria se fixara nos arredores de Campinas, que naquela época já era conhecida como a "Capital Agrícola do País". As nossas ruas, que no passado eram quase que desertas, começaram a ter maior movimento e mais vida, principalmente quando chegavam os dias de domingo ou santificado. Devido ao afluxo de povo, que se aglomerava nesses dias, o co-



mércio passou a funcionar quase que seguidamente, só encerrando as suas portas aos domingos à tarde.

Embora já existissem alguns clubes dançantes, outros foram formados em atendimento à população que aumentava, dia a dia. Podemos apontar o "Estréla Celeste", "Clube Atlético Campineiro", "Soc. Recreativa da Ponte Preta", "Soc. Luiz de Camões", "Lira da Ponte Preta", "Círculo Italiano Unido", "La Pace", este se achava localizado à rua Abolição e o famoso salão de bailes, conhecido como o "Salão do Pagliazzo", montado a rua da Conceição, no antigo número 18, hoje número 219, entre a rua Lusitana e o "Beco do Rodovaiho", onde era grande a afluência da colônia italiana. Nos dias de hoje, como a desafiar o tempo, ainda lá está o velho prédio secular, guardando entre as suas paredes gratas recordações.

Atrasando o relógio do tempo, vamos encontrar a nossa Campinas com seus ares provincianos: as suas ruas pareciam desertas, raros eram os transeuntes, os negociantes, muitos deles faziam a "sesta" à porta de seus estabelecimentos; de vez em quando o silêncio era quebrado pelo trotar cadenciado de algum "pangaré", enquanto que no lombo do mesmo, o seu dono, preguiçosamente, ia bamboleando sem mostrar ter pressa ou então pela passagem de algum carro de boi, carregado de lenha, com o boiadeiro gritando o caminho a seguir. Isso geralmente é o que se notava durante os dias da semana, mas quando chegava um dia santificado ou o domingo, as cousas se transformavam, principalmente nas imediações das igrejas, do Carmo, Rosário e da Catedral. Grande era o movimento de colonos, acompanhados de familiares; uns transitavam a pé, outros montados em muars, com selas ricamente enfeitadas e outros ainda, de maiores posses, com suas charretes. A maioria trazia lenços encarnados em redor do pescoço e chapelões à cabeça: um multicolorido enfeitava as nossas ruas. Mulheres usavam vestidos de chita e cores berrantes, indumentárias essas que quase se arrastavam pelo solo, de tão compridas. Todos se dirigiam piedosamente para os cultos e enquanto duravam estes, as ruas tornavam-se desertas. Nas casas comerciais, em que se vendiam de tudo, desde o anzol às linhas para



GERALDO SESSO JUNIOR

255

coser, os proprietários tudo faziam para agradar aos fregueses. No ramo de armarinhos, tinhamos o Jorge Miguel, à rua S. José (hoje 13 de Maio), que não perdia vaza de usar salamaleques para obter bons negócios, pois sabia ele que o comprador procura dar sempre preferência a patricios e conterrâneos. A rua Lusitana, antiga General Carneiro, era onde estavam localizados os comerciantes da terra de Camões, na maioria. O mesmo não acontecia com os italianos que estavam espalhados por todos os cantos de nossas ruas centrais. Anos antes, Campinas havia recebido a visita de um dos chamados "circo de cavalinhos", de procedência germânica, denominado "Circo Sarrazani" e este havia levantado o seu pavilhão em um terreno baldio que existia e se servia para tal durante muitos anos, à rua da Conceição, tendo à sua frente para o local onde hoje se acha o "Cine Ouro Verde". Daquela companhia circense fazia parte o italiano de nome Gaetano Raimundi, que desempenhava o papel de palhaço juntamente com seu filho único de nome Nicola, que executava números musicais tocando ocarina, instrumento de barro muito em voga na época. O napolitano, entusiasmado com nossa cidade e pelo grande número de "paisanos" que aqui encontrara, resolve abandonar o circo, para fixar residência entre nós, juntamente com esposa e filho. Com razoável economia acumulada, pois além de exercer a função de palhaço, Gaetano Raimundi também conhecia o ofício de funileiro, na época conhecido por latoeiro, profissão essa que exercera por muitos anos na velha Nápoli. Certa manhã, quando se dirigia para uma casa de carnes que existia à rua da Conceição, 48, de propriedade de Jose Kons, enquanto este não aparecia para servir, Gaetano Raimundi passou os olhares para aquele vasto casarão e divisou, aos fundos, enorme salão todo cimentado, repleto de trastes velhos. Nesse interím, o dono do estabelecimento que aparecerá pedindo desculpas, pois se achava nos fundos da casa, onde fora ver a esposa, que se achava adóentada. Conversa vai, conversa vem e Gaetano Raimundi entra em negócio para a compra daquele local, mediante o pagamento de uma pequena quantia, o que foi feito dias depois. Assim, no início deste século, é montado no local, na parte da frente do prédio, uma pequena oficina de latoeiro e do lado esquerdo do mesmo, um botequim (bar) e sema-



nas depois é organizado um pequeno baile nos fundos, com poucos pares, que bailavam ao som da ocarina, executada pelo filho do napolitano, o Nicola. Como os negócios iam prosperando, à medida que os dias passavam, resolve Gaetano Raimundi contratar um sanfoneiro de nome Carlos Agostinho Gobbi, então muito jovem e que é ainda vivo e reside a rua José Paulino, nas imediações do Externato São João. Carlos Agostinho Gobbi dirige-se à rua Dr. Quirino, 101 antigo, e adquire de um patricio, de nome Luiz Masaioli, uma sanfona por trinta mil réis e passa a trabalhar ao lado do napolitano, à meia. Essas funções se realizavam somente aos domingos e dias santificados. Essas reuniões dançantes eram estritamente familiares e aí daquele que saísse do sério; era imediatamente posto para fora a ponta-pés, pois o napolitano não era de muita conversa. Geralmente estava sempre rodeado de patricios que o ajudavam a manter a ordem e a disciplina. Durante as noites e parte dos domingos, ali se reunia grande número de elementos da colônia italiana, que se divertia em jogar cartas; os famosos "tre sete", "escopa" e "bisca", com saborosos vinhos importados e das famosas cervejas campineiras "Cabeça de cavalo" e "Barbante" ao preço de três mil réis a dúzia.

Os bailes no "Paglião" foram adquirindo tanta fama que não havia em Campinas e nas suas redondezas quem não conhecesse tal local; era de ver aos domingos, após as missas, os "habitués" que se dirigiam para a rua Conceição, à procura do famoso salão de bailes. A frequência era tanta que quando não havia damas suficientes, os cavalheiros se contentavam em bailarem entre si, formando pares que arrancavam gostosas gargalhadas dos presentes. Antes de iniciar-se o baile, o "Paglião" ia espalhando pelo chão fina camada de farinha de milho (fubá) para que os pares pudessem deslizar melhor, enquanto que o sanfoneiro Carlos Agostinho Gobbi e o filho do dono da casa, o Nicola, ambos sentados nas cadeiras postas sobre a mesa, iniciavam o baile ao som de uma alegre polca para, segundos depois, a mesma ser interrompida, enquanto o "Paglião" corria a bandeja para a cobrança de 100 réis, o preço para os pares dançarem. Finda a cobrança, o baile se reiniciava. Na frente do prédio era comum nos dias em que funcionavam os bailes, ver-se dezenas de



GERALDO SESSO JUNIOR

259

montarias amarradas em paus, que se achavam enfiados nos cantos daquela rua.

Aquela casa de recreação havia sido iniciada em princípio deste século e lá pelo ano de 1907, a mesma é vendida a outro italiano, de nome Biagio Lobosco, com a condição expressa do vendedor que a denominação continuaria como a do "Paglião"; por motivo de doença, o novo comprador é obrigado a vendê-lo, em fins do ano seguinte, a um outro patricio de nome Gioeli Gialluca. Durante a gestão de Biagio Lobosco, que é ainda vivo, residente em São Caetano do Sul e a quem devemos partê desta narrativa, o sanfoneiro era Angelo Pelegatti, que havia substituído Carlos Agostinho Gobbi. Mais tarde outros por ali passaram tais como o Joannim, o Brás, mais conhecido como "Mônica Poenta" e o Gildo Chignalia. Nos tempos do sanfoneiro Carlos Agostinho Gobbi, diz este que as músicas mais solicitadas eram as valsas "Sedutora", "Saudade de Iguape" e a polca "Baronesa", enquanto ao tempo de Gildo Chignalia, as que deixaram gratas recordações foram "Últimas Flores", "Aniversário Fatal", "Tre Fratelli" (Três irmãos) e outras. No mês de dezembro de 1910, aquele salão de bailes juntamente com o seu botequim é vendido a Thomaz Ceglie, mas este pouco tempo ali ficou, tornando a revendê-lo a Gioeli Gialluca, que ali ficou até fins de 1920, quando o mesmo foi fechado definitivamente.

Dos inúmeros frequentadores, que não faltavam um só domingo, fossem para bailarem ou jogarem cartas, apontamos: João Battistella, Paulo Maiuri, Angelo de Tullio, Affonso Beratti, Erranio Fiorda, Caetano Sarubbi, José Gallo, Carlos Vacchiano, João Canelini, Leonardo Cassamaça, Irmãos Nista e José Castorino.

Nas horas tardias das noites, quando a maioria da população se achava recolhida, quem passar pela rua da Conceição, verá esse mesmo prédio como se fôra sentinela fantasma em seu posto, observando aqueles que ontem eram jovens e que hoje ali passam tropeços e cansados, esperando, talvez, a sua vez de ser destruído pelas picaretas do progresso, apagando-se o último vestígio de horas agradáveis passadas no famoso salão de bailes do "Paglião".

(Extraído de fls. 251 a 259 do livro "Retalhos da Velha Campinas", de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Expressa Gráfica e Editôra Palmeiras Limitada, Campinas, SP.

1970)

anpv/06/1980